

Ernesto Goes

DRAGOEIROS
DOS
AÇORES

RIBEIRA CHÃ - S. MIGUEL

1994



Ernesto Goes
Eng.º Silvicultor

PREFÁCIO

Na sua imensa generosidade e amizade pelos Açores, o Senhor Engenheiro Silvicultor Ernesto Goes dignou-se oferecer o presente trabalho às obras sociais do Centro de Catequese e Cultura da Ribeira Chã, apenas com uma única e honrosa cláusula.

Que fosse eu a divulgá-lo, promovendo a sua publicação em separado ou incluído no Boletim Paroquial.

Perante o dilema, tratando-se de um estudo de profundo interesse botânico e cultural, optei pela solução mais condigna, de maior significado e difusão para o conhecimento de uma das mais típicas espécies da flora e da paisagem açorianas.

Mas, afinal, que poderei eu dizer e escrever dos “Dragoeiros dos Açores”, com pleno critério e segurança, que não seja recordar a simples e distante imagem do centenário exemplar dos meus tempos de criança, que ainda hoje cresce

em frente à velha casa paterna, na minha saudosa Ilha de S. Jorge e na sempre lembrada e presente Fajã dos Vimes?

Nos actuais quadros da vida nacional, o Senhor Engenheiro Ernesto Goes, no merecido gozo de uma tranquila aposentação, depois de uma actividade de perto de meio século de vida intensa e absorvente — e com invejável curriculum profissional — é hoje uma figura de prestígio e projecção internacional e um dos mais profundos estudiosos da Flora Portuguesa e do Ordenamento Agrário e Florestal.

Como técnico e cientista, conta com dezenas de valiosos trabalhos de investigação e divulgação envolvendo a cultura florestal, a luta biológica e a entomologia, sendo o responsável pela arborização de extensas áreas do país e autor de livros consagrados, como “A Floresta Portuguesa” e “As Árvores Monumentais de Portugal”.

Integrado por laços familiares no seio da Família do ilustre jorgense e eminente hidrologista Doutor Armando Narciso, o Senhor Engenheiro Ernesto Goes, nas suas breves passagens pelos Açores, apaixonou-se pela flora e pelas paisagens do nosso Arquipélago.

Daqui nasceu o seu aturado interesse pelos “Dragoeiros dos Açores”, de longa data merecendo um estudo condigno e aprofundado.

E, como responsável pelo Centro de Catequese e Cultura da Ribeira Chã, é este louvável e meritório trabalho que tenho a imerecida honra de apresentar à Comunidade Açoriana e ao público continental, permitindo-me desde já chamar a atenção das entidades oficiais, adstritas ao sector, bem como a de todos os defensores da Natureza e da Ecologia, para a protecção e salvaguarda de uma das espécies florestais mais características e exóticas do nosso património paisagístico, à semelhança do que se faz noutros meios turísticos.

Ao Senhor Engenheiro Silvicultor Ernesto da Silva Reis Goes, como grande amigo da Ribeira Chã e dos Açores, apenas me resta agradecer, reconhecidamente, o seu generoso e valioso contributo para a história documental da flora açoriana, tanto mais de assinalar e enaltecer, atendendo a que as últimas páginas do presente livro foram escritas e coordenadas após alguns meses de grave e demorada doença.

Que Deus o recompense, prolongando-lhe a vida e os bens e dons do Espírito , em franca e frutuosa plenitude — Ab imo pectore!

Páscoa do Ano da Graça de 1994

Padre João Caetano Flores

INTRODUÇÃO

Antes de descrever os vários dragoeiros de porte excepcional espalhados por todas as ilhas dos Açores, (excepto Corvo), não queremos deixar de fazer uma resenha sobre a sua riqueza florestal e evolução, desde a descoberta destas ilhas até à actualidade.

Na altura da descoberta das ilhas açorianas, estas estavam, duma maneira geral, revestidas de densas e majestosas florestas constituídas por cedros (Juniperus brevifolia v. azórica), teixos (Taxus bacata), loureiros (Persia azórica), vinháticos (Persia indica), sanguinhos (Rhamnus latifolius), gingeira (Cerasus lusitanica), pau branco (Picconia excelsa), faia (Myrica faia), etc.

Com a ocupação e o povoamento deste arquipélago, rapidamente, as matas foram sendo destruídas, devido ao arroteamento dos terrenos para a agricultura e pastagens, aos incêndios periódicos, à utilização intensiva e desordenada do material lenhoso para múltiplos fins, sem o necessário repovoamento florestal, facto este agravado pelas intempéries e os fenómenos sísmicos e vulcânicos, em que as lavas tudo destruíam transformando extensas matas verdejantes em verdadeiros desertos.

Assim, eram abundantes e célebres as matas de cedros (Juniperus brevifolia v. azórica) que produziam uma madeira preciosa e muito utilizada para múltiplas finalidades — construção de casas, interiores de igrejas e conventos, mobiliário, construção naval, etc., que hoje ainda podemos observar em bom estado de conservação, principalmente em tectos e talhas de muitas igrejas, etc. No entanto, o cedro (Juniperus brevifolia v. azórica), que ocupou outrora grandes áreas em todas as ilhas, hoje está reduzido a manchas de alguma extensão na Ilha do Pico e a núcleos principalmente nas Ilhas de S. Jorge e Flores.

Contudo, no Pico, ainda podemos admirar importantes áreas de floresta quase virgem, onde impera o cedro, que atinge porte arbóreo. Estas árvores, devido ao lento crescimento da espécie, deverão ser multi-seculares ou mesmo milenárias. Núcleos destes, muito mais reduzidos, também poderemos encontrar na Serra do Topo, na Ilha de S. Jorge e na Ilha das Flores. É de assinalar, que grande parte destas manchas de cedros constituem hoje reservas naturais, o que é de louvar. (fot. 1)

Também outras espécies florestais indígenas atingiram dimensões invulgares, pois Carreiro da Costa (3), cita que “Valentim Fernandes Alemão, na sua famosa Descrição das Ilhas Atlânticas, de 1507, informa que nascem nesta ilha (S. Miguel) loureiros de grande tamanho que 6 homens não podem abraçar uma árvore e tão altas que parecem tocar o céu.”

Também a urze, (Erica azórica), principalmente nas ilhas do Pico, S. Jorge e Flores, atinge um porte arbóreo, servindo normalmente para delimitar pastagens e propriedades. Como igualmente é uma espécie de muito lento crescimento, parte destas urzes são centenárias. (fot. 2).

Por fim, não queremos deixar de citar o caso do *til* (Ocotea foetens) que "A flora dos Açores" do Professor Telles Palhinha (8) apenas prevê a hipótese vaga de ser uma espécie indígena; julgo tratar-se de uma falha dos vários reconhecimentos botânicos de outrora, pois no centro da cidade de Ponta Delgada, em 1955, quando estive na ilha de S. Miguel, em serviço oficial, tive o prazer de admirar um velho *til*, de tronco muito grosso, mas mal tratado, multicentenário e talvez anterior à descoberta desta Ilha.

Esta árvore, que era conhecida indevidamente por canforeira, já não existe e pouca gente se lembra dela.

No entanto, na altura tive a oportunidade de mostrar esta árvore ao Professor Mário Azevedo Gomes, que, a pedido do director do Boletim da Comissão Reguladora dos Cereais do Arquipélago dos Açores, escreveu um pequeno artigo sobre as impressões dos Açores, sua terra natal, que deixara em pequeno para só agora voltar. Nesse artigo, além de várias notas sobre os Parques Florestais de Ponta Delgada, apresenta a fotografia desse *til* (fot.3), o único testemunho, da sua grandeza, da sua longevidade e dos seus maus tratos.(2)

Mais tarde, vim encontrar na ilha de S. Jorge vários *tiis* de porte excepcional, que igualmente eram conhecidos por canforeiras.

Passados poucos anos da ocupação dos Açores, foram introduzidas do Continente várias espécies arbóreas frutícolas, entre elas o castanheiro, em que muitos atingiram grandes dimensões. É o caso citado por Frutuoso, em 1591, referente à ilha Terceira, pois no lugar das Fontainhas “há muitos souts de castanheiros, entre os quais está um antigo, tão grande, que o tronco dele tem em círculo sete varas de medir, que são trinta e cinco palmos, e dá uma infinidade de castanhas”(3).

A primeira espécie florestal a ser introduzida nos Açores foi o pinheiro bravo, em 1553 (3), para suprir as carências de madeira que se começaram a sentir.

Contudo, o fomento desta espécie, se bem que encontrasse nos Açores condições ecológicas muito favoráveis para o seu desenvolvimento, somente a partir dos princípios do século passado teve um grande incremento para suprir a falta de madeira de caixotaria para embalagens de laranja para exportação (por vezes mais de 300.000 caixas por ano), em

que grande parte da madeira era importada do Continente, a partir da Figueira da Foz.

Assim se criaram extensas matas de pinheiro bravo, que posteriormente desapareceram devido aos cortes sucessivos, sem se ter feito a necessária renovação dos povoamentos. Contudo, ainda se encontraram alguns pinheiros de porte invulgar, principalmente nas Ilhas de S. Miguel e S. Jorge, reminiscência de um passado ainda não muito longínquo (fot.4).

Por fim, a partir dos meados do século passado, por iniciativa de vários açorianos ilustres, foram introduzidas inúmeras espécies exóticas oriundas de todos os continentes, muitas delas tendo-se adaptado excepcionalmente bem a estas novas condições ecológicas. É o caso das intensas e generalizadas arborizações efectuadas com a Cryptomeria japonica, pois quem visitar o Japão há-de julgar em certos locais que se encontra em plenas ilhas açorianas; da araucária (Araucaria heterophylla) de porte majestoso, destacando-se do casario das aldeias, vilas e cidades, que vieram dar uma outra fisionomia a estes aglomerados populacionais, tornando-os bem característicos e belos, pois quem chega a estas ilhas de

barco fica deveras extasiado com tão perfeito enquadramento paisagístico; dos corpulentos metrosíderos, que tanto embelezam as praças e jardins de muitas vilas e cidades, pelas suas copas largas e densas, proporcionando sombras aprazíveis, pelas lindas flores vermelhas que revestem toda a folhagem e, também, pela sua utilização como cortinas de abrigo das culturas pomareiras, devido à sua resistência aos ventos mareiros; das extensas plantações de Eucalyptus globulus na ilha Terceira, que agora se estenderam também às ilhas do Pico e de S. Miguel, devido à interferência de uma Empresa de Celulose do Continente; do incenso (Pithosporum undulatum), em que as suas flores são muito perfumadas, razão do seu nome vulgar, mas que se tornou uma espécie invasora, dominando grandes áreas, transformando-as em verdadeiras brenhas.

A introdução de espécies exóticas, por vezes pode trazer graves problemas, pois além do incenso, é bem conhecida a infestação provocada pela conteira (Aedychium gardnerianum) nos Açores, das Acácias no Continente e da Myrica faia (faia da terra) nas Ilhas Hawai, introduzida aí por açorianos e, por

isso, torna-se necessário ter todas as cautelas na introdução de espécies vegetais.

Igualmente, não queremos deixar de mencionar o porte excepcional de algumas árvores nos Açores, que são as maiores do País.

É o caso da Araucaria heterophylla, espécie oriunda da Ilha de Norfolk, pequena ilha entre a Austrália e a Nova Zelândia, onde os maiores exemplares com perto de 7,0 m de P.A.P. (perímetro do tronco a 1.30m do solo) se encontram na Lagoa das Sete Cidades, no Parque Caetano de Andrade; também nesse Parque podemos admirar o mais belo conjunto de Araucarias angustifolia do País (espécie oriunda do Brasil), assim como as maiores Acácias melanoxylon (Acacia australia) com um P.A.P. de 4.0m (perímetro do tronco a 1.30m do solo).

Os maiores Ficus macrophylla (árvores da borracha), espécie oriunda da Austrália, com troncos muito volumosos e copas de 35-45 m de diâmetro, situam-se nos Parques António Borges e José do Canto, na cidade de Ponta Delgada, sendo mesmo superiores aos monumentais exemplares existentes no Jardim Botânico de Coimbra e no Jardim do Traje em Lisboa (fot.5).

Os Metrosiderus robusta, espécie oriunda da Nova Tasmânia, existentes no Parque de Santana, na cidade de Ponta Delgada, que marginam uma rua, são de tal imponência e grandeza, que não têm paralelo em qualquer parte do País (fot.6). No entanto, o mais conhecido nos Açores é o do Campo de S. Francisco, em Ponta Delgada, que de facto é uma árvore muito bela, pela sua copa grandiosa, com cerca de 25m de diâmetro, mas em idade e corpulência fica muito aquém daqueles do Parque de Santana.

Existem alguns monumentais Quercus cerris (carvalho turco), o maior dos quais no Parque José do Canto, “exemplar imponente que merece, só por ele, homenagem de uma visita”, segundo Azevedo Gomes (2).

No Parque de Santana, na cidade de Ponta Delgada, e na Lagoa das Furnas, podemos encontrar uma grande quantidade de Agathis australis, espécie oriunda da Nova Zelândia, de porte excepcional, sem paralelo no Continente (fot.7).

Igualmente, no Parque das Furnas, poderemos admirar o mais rico e completo conjunto de tulipeiros (Liriodendron tulipera) do País, constituído por árvores de porte excepcional

(fot.8). Trata-se de uma espécie originária da América do Norte, de madeira parecida com a do choupo e por isso de grande interesse tecnológico.

Por fim, não queremos deixar de referir o célebre Eucalyptus globulus do Lameiro, próximo da cidade da Ribeira Grande, plantado em 1854, que deve ser o mais velho do País, cujo tronco tem 13.0 m de P.A.P. (fot.9). Infelizmente, a base do tronco está oca, sendo albergue de morcegos e, por isso, um grupo de rapazes, a fim de os afugentar fez uma fogueira, que por pouco não destruiu esta árvore, que ficou algo afectada.

Factos destes devem ser evitados, pois trata-se de uma árvore considerada de interesse público e por isso merecia melhor protecção.

Todas estas árvores, de porte excepcional, são espécies exóticas, introduzidas a maior parte delas nos meados do século passado por açorianos ilustres e muito viajados, que além de quererem dotar as suas ilhas com florestas mais económicas e bem adaptadas às condições ecológicas existentes, também quiseram criar verdadeiros jardins botânicos, com as mais variadas espécies, que ficaram

célebres, parte deles ainda existentes e duma maneira geral bem conservados.

Destas espécies introduzidas a que mais difusão teve foi, sem dúvida, a Criptomeria japonica, que hoje, na Ilha de S. Miguel, ocupa a área de 8.500 ha. e nos Açores o total de 12.210 ha., como já foi referido anteriormente (5).

Por fim, não quero deixar de agradecer ao Sr. Padre João Caetano Flores todo o seu apoio na minha visita aos Açores, que, além de me abrir as portas a parques pouco acessíveis, acompanhou-me sempre na ilha de S. Miguel, na sua viatura, sem qualquer encargo para mim.

No que respeita a esta publicação sobre os dragoeiros dos Açores, o Sr. Padre Flores, além de ter posto à nossa disposição o seu boletim paroquial da Ribeira Chã, também deu uma preciosa colaboração na colheita de elementos fundamentais, sem os quais este trabalho não poderia ter sido tão bem fundamentado.

Neste estudo, além de serem descritos todos os dragoeiros considerados de porte excepcional, descreve-se igualmente as características desta espécie e sua área natural.

DESCRIÇÃO BOTÂNICA

Os dragoeiros pertencem à família das Liliáceas e ao género *Dracaena*, que inclui cerca de 20 espécies , com uma grande área de expansão em África, América do Sul, Ásia e Oceania.

São exemplares monumentais das espécies de *Dracaena cinnabari*, na ilha de Socotora, no Oceano Índico, da *Dracaena brasiliensis*, no Brasil, etc. O Dragoeiro da Macaronésia, isto é, dos Arquipélagos de Cabo Verde, Canárias, Madeira e Açores, é a *Dracaena draco* Lineu. Inicialmente classificada de *Dracaena canariensis*, por se julgar ser aí o seu centro genético. É uma árvore estranha, de características invulgares, com um caule ao princípio simples, depois ramoso no cimo, com ramos partindo da mesma altura, formando uma copa larga; folhas terminais, alongadas e largas; flores em panícula de cor branca, com sépalas soldadas; os frutos são bagas, globosas e amarelas. Floresce em Agosto e Setembro. É uma espécie de crescimento muito lento, que começa a frutificar apenas aos trinta anos e que poderá atingir grande porte, com

uma copa de 10 a 18 m. de diâmetro e 8 a 18 m. de altura e grande longevidade.

Antigamente, por incisão no tronco, extraía-se uma resina de cor vermelha (sangue de draco) que era utilizada em medicina caseira, em tinturaria e também como verniz, muito procurado e cotado na Europa, para acabamentos de violinos.

O fruto (uma baga) é bastante doce e foi outrora, na Ilha de Porto Santo, aproveitado para a engorda de porcos.

No entanto, presentemente o dragoeiro é apenas uma árvore muito ornamental, que podemos encontrar em alguns parques, quintas, jardins e mesmo em praças públicas nalgumas cidades e vilas do País — no Continente, na cidade de Lisboa; na Ilha da Madeira, na cidade do Funchal; na Ilha de S. Miguel, na cidade de Ponta Delgada; na Ilha do Faial, na cidade da Horta; na Ilha de S. Jorge, na Vila da Calheta, e em locais das Ilhas do Pico e Flores.

ÁREA NATURAL

O dragoeiro (Dracaena draco L.) é uma espécie pertencente à flora da Macaronésia e por isso das Ilhas de

Cabo Verde, Canárias, Açores e Madeira; no entanto, por razões desconhecidas, toda a bibliografia não indica como natural dos Açores, se bem que esta espécie se encontra bem difundida por todas as Ilhas, principalmente pela zona litoral da costa sul, excepto na Ilha do Corvo.

No Continente esta espécie foi introduzida no século XVI e foi a partir de um exemplar plantado no jardim de Belém que Clusios (1526-1609), um grande botânico flamengo, fez a 1ª descrição do dragoeiro, da Dracaena draco L.

O maior que se conhece e dos mais antigos fica no Jardim Botânico da Ajuda e tem 13 m. de diâmetro de copa e um tronco curto e muito ramificado (fot.10 e 11). Julga-se ter sido plantado entre 1770 e 1772 por Domingos Vandelli, que foi o 1.º director deste Jardim (4).

Os restantes existentes situam-se todos em jardins de Lisboa — Jardim Botânico de Belém, Jardim Botânico da Faculdade de Ciências, Tapada das Necessidades, Jardim do Palácio Ratton (hoje Tribunal Constitucional) e em mais dois jardins de palácios particulares.

Praticamente, todos eles têm presentemente entre 150 e 200 anos e o seu crescimento não é nada comparável aos

monumentais dragoeiros da mesma idade nas Ilhas de S. Miguel, Faial e Pico, em virtude das condições ecológicas dos Açores serem muito mais favoráveis ao seu desenvolvimento.

Por outro lado, a existência de dragoeiros no Continente apenas se circunscreve a Lisboa, não se detectando nenhum na faixa litoral, quando as condições ecológicas permitiriam a sua difusão.

Isto é para meditar, pois a difusão dos dragoeiros nos Açores não se deve apenas à plantação duma árvore ornamental exótica, por pessoas abastadas e cultas, nos seus Parques e Quintas. Se assim fosse, era na Ilha de S. Miguel que deveríamos encontrar uma maior expansão da espécie e não nas Ilhas de S. Jorge e Pico, onde também existem alguns povoamentos naturais.

Também é de referir, que na parte alta da cidade da Horta, na Ilha do Faial, há um dragoeiro, multi-secular, superior mesmo ao maior detectado na Ilha da Madeira em todos os tempos e derrubado em 1843, que poderia dar alguns dados para o reconhecimento endémico desta espécie.(17)

Igualmente, é de referir que na cidade de Ponta Delgada existiu um dragoeiro e que ninguém se lembra dele, mas que

deveria ser de enormes dimensões e de idade avançada. A sua lembrança é dada pela tradição, pois a rua onde ele estava implantado era conhecida, desde longa data, pela rua do Dragoeiro. Por isso, este caso deveria ser estudado, para se saber qual o seu porte e a data do seu desaparecimento. Talvez isso nos revelasse o mistério da sua origem, como aliás aconteceu com o *til*, também na cidade de Ponta Delgada, a que aliás nos referimos.

Por fim, não queremos deixar de salientar que, duma maneira geral, mesmo pessoas cultas, quando se fala em dragoeiros não sabem o que é e quando lhes mostramos (mesmo monumentais) dizem que tinham passado por ali, que não tinham ligado por julgarem ser cactos, sem interesse.

Posta a questão, assim e antes de descrever os dragoeiros monumentais dos Açores, iremos fazer uma resenha do que aconteceu e do que se passa com os dragoeiros das restantes ilhas da Macaronésia.

Nas ilhas de Cabo Verde, por elementos fornecidos por um colega da Estação Florestal Nacional, que fez o inventário florístico daquelas ilhas, existem muitos dragoeiros, sem contudo estes atingirem um porte monumental.

Nas Canárias, é de assinalar, na ilha de Tenerife, um grande dragoeiro que se julga ter 3000 anos, na l'cod de los Vinos, vila próxima do litoral, na costa norte. É uma árvore de porte excepcional, como se poderá ver na fotografia 12. Constitui um ex-líbris das Canárias, pois a visita a esta árvore monumental está incluída nos roteiros turísticos da ilha e em todos os estabelecimentos turísticos poderemos encontrar postais e *slides* dela.

Também no Seminário, em La Laguna, poderemos encontrar outro dragoeiro invulgar, com uma copa densa e larga, mas com um tronco grosso e curto, que deve ser multi-secular (fot.13). Também este dragoeiro é muito famoso, e, por isso, em qualquer loja igualmente podemos encontrar *slides* e postais dele.

Por fim, é de referir que, em Oratava havia um enorme dragoeiro que ficou célebre e que é referido em quase toda a bibliografia sobre a natureza e árvores monumentais. Essa árvore, que foi derrubada por um vendaval em 1863, também era milenária, pois, desde a descoberta da ilha, em 1402, até ao seu derrube, o tronco manteve sempre a mesma grossura, medindo 14,85m. de circunferência e 25m. de altura.

Na ilha de Tenerife, aliás como em todas as ilhas das Canárias, poderemos ver o dragoeiro algo disseminado, normalmente utilizado em parques, em jardins e arruamentos. É ainda de mencionar um grande dragoeiro na Gran Canária, normalmente também mostrado aos turistas.

No que se refere ao arquipélago da Ilha da Madeira, não queremos deixar de citar o que escreveu Gaspar Frutuoso, no seu livro “As Saudades da Terra”, publicado em 1552, sobre os dragoeiros de Porto Santo — “em muitas partes desta ilha produziu a natureza muitos dragoeiros, do tronco dos quais se faz muita loiça, e muitos são tão grossos, que se fabricam de um só pau barcos hoje em dia há, que são capazes de seis ou sete homens, que vão pescar neles, e gamelas que levam o moio do trigo. Tira-se desta loiça bom proveito, de que se paga a dízima a el-Rei, e se aproveitam muito sangue do dragão, muito prezado nas boticas; criam estes dragoeiros uma fruta redonda, que madura se faz muito amarela e é mui doce, e no tempo que havia muitos dragoeiros engordavam os porcos com este fruto (que são como avelãs e, assim se chamam macainhas)”(6).

Também Gaspar Frutuoso descreve um ilhéu grande, redondo, a ocidente do Porto dos Frades, que ele chamou o ilhéu dos Dragoeiros (hoje Ilhéu de Cima), por estar coberto deles. Infelizmente todos os dragoeiros desapareceram, havendo somente alguns exemplares no cimo do Pico Branco, como vestígio do passado (9). Contudo, a bandeira do concelho da Vila de Porto Santo contempla um dragoeiro, para relembrar sua antiga importância.(fot.13 a).

Na Ilha da Madeira, o Padre C.N.Pereira, na sua obra "Ilhas de Zarco"(9), além de incluir o dragoeiro nas espécies endémicas desta ilha, indica os locais onde ainda existem alguns dragoeiros — "Cabo Garajau, lado leste, na rocha quase ao nível do mar; nas Neves, entre Garajau e S. Gonçalo, no Funchal, dentro da Ribeira de Santa Luzia, em quase todas as Quintas e na Ribeira Brava. Em Câmara de Lobos , no sítio de Espírito Santo, o mais lindo exemplar da Madeira". Era uma árvore multi-secular, que foi derrubada por grande vendaval em 1951. No entanto, em dimensões era muito inferior àquele referido pelo Padre Azevedo e Neves, no seu "Elucidário Madeirense" (11), no sítio de Pontinha de Cima, no Machico, derrubado por uma tempestade em Fevereiro de 1843 e que o

tronco tinha 5,4m. de circunferência e 11,85m. de altura, o que deveria dar, para toda a árvore um total de 15 ou 16m..

O único dragoeiro, com dimensões algo superiores, que encontramos no País foi num jardim particular, na parte alta da cidade da Horta, na Ilha do Faial.

Por fim, é de salientar que na ilha da Madeira, no estado natural apenas existem dois exemplares na Ribeira Brava e um núcleo no Sítio das Neves, em S. Gonçalo. O velho dragoeiro, que existia na Ponta do Garajau, caiu ao mar devido a uma intensa chuvada, em Outubro de 1982 (1).

DRAGOEIROS DOS AÇORES

Como já foi referido, em todas as ilhas, excepto na do Corvo, encontramos bastantes dragoeiros, de porte monumental, quase todos na faixa litoral da costa sul.

É, contudo, nas Ilhas de S. Jorge e Pico que assinalamos um maior número de dragoeiros, que praticamente se distribuem pela orla marítima de clima atlântico-tropical.

Antes de descrever os dragoeiros monumentais existentes, não queremos deixar de referir aqueles já

desaparecidos, não há muitos anos, por vendavais. É o caso dos seguintes:

— Quatro dragoeiros que existiam junto à praia de Água de Alto, no Jardim do Hotel Baía, que fora outrora uma quinta do Visconde da Praia.

Estes dragoeiros estavam considerados de interesse público e tinham as seguintes dimensões, conforme o quadro que se apresenta.

NÚMERO	ALTURA (m)	P.A.P. (m)	DIÂMETRO DE COPA (m)
1	10,3	1,369	10,10
2	11,0	1,082	9,50
3	9,0	0,828	12,90
4	9,0	1,098	12,90

— Um dragoeiro no Parque da Escola Secundária Antero de Quental, que era considerado de interesse público e que foi derrubado por um forte vendaval. Este dragoeiro, de porte excepcional, existia junto a um outro, plantado na mesma altura, o qual será descrito depois.

— Também na Caloura (Água de Pau), junto ao portão do prédio denominado Monte, encontramos um dragoeiro muito velho, que o proprietário com cerca de 60 anos, o conheceu sempre daquele tamanho, mas que infelizmente estava muito combalido pela doença. Agora soube que este dragoeiro tinha morrido e tinha sido cortado, cujos despojos foram aproveitados pelo museu da freguesia da Ribeira Chã.

Na Ilha de S. Jorge, também é de mencionar um grande dragoeiro, derrubado por um forte vendaval, em 1987, na fajã de Santo Amaro, num prédio junto à estrada entre as Velas e a Urzelina.

Tivemos, na altura a oportunidade de ver os seus destroços, sendo o tronco de grande grossura.

No que respeita aos dragoeiros ainda existentes, assinalados por nós e que merecem ser conhecidos, iremos descrevê-los, ordenando-os por ilhas.

Na Ilha de S. Miguel são assinalados os seguintes exemplares:

— Um, no parque da Escola Secundária Antero de Quental, instalada no antigo Palácio do Barão da Fonte Bela, na cidade de Ponta Delgada, que é o maior desta ilha, tendo

4,22m. de P.A.P. (perímetro do tronco a 1,30m. do solo), 10m. de altura e 15m. de diâmetro de copa (fot.14). Se bem que não se saiba a data de plantação deste dragoeiro, no entanto, julgamos que deveria ter sido plantado na altura da construção do antigo Paço, iniciado em 1587 (01).

No entanto, não é de estranhar a grande diferença de desenvolvimento desta árvore em relação a outras também existentes em Ponta Delgada, mas com menos 30 anos. Talvez as melhores condições do solo onde está implantada justifiquem essa diferença.

— Três exemplares existentes no Parque Municipal António Borges, na cidade de Ponta Delgada, tendo o maior 2,6 m. de P.A.P., 6 m. de altura e copa densa com 8 m. de diâmetro. Devem ter sido plantados em meados do século passado.

— Na Vila de Lagoa, no Jardim dos Frades em St^a Cruz, há um exemplar plantado em 1879 (12), com 2,0 m. de P.A.P., com 8m. de altura e 7 m. de diâmetro de copa (fot.15).

Na Ilha de Santa Maria, não temos conhecimento da existência de qualquer dragoeiro, que mereça ser citado.

Na ilha Terceira, no Jardim Municipal Duque da Terceira, na cidade de Angra do Heroísmo, há um exemplar notável, considerado de interesse público, que julgamos ter sido plantado em 1882, altura em que foi criado este jardim (10), que tem 5,40m. de altura (fot.16).

Ainda há a assinalar mais dois dragoeiros monumentais, nesta cidade, um no pátio do Palácio dos Capitães-Generais, com 5,90m. de altura (fot.17), e outro na Casa de S. Pedro, com 9m. de altura, (fot.18), que se julga ter este cerca de 300 anos.

Todos estes elementos e fotografias sobre os dragoeiros da Ilha Terceira foram gentilmente cedidos pelo Senhor Jácome de Bruges Bettencourt, o que se agradece.

Na Ilha Graciosa, no lugar da Vitória, junto à Igreja de Santo António, há um belo e imponente dragoeiro, com 4,1m. de P.A.P. e 9,30 m. de diâmetro de copa (fot.19). É uma árvore famosa, já mencionada em roteiros turísticos da Ilha. Também são de assinalar cinco dragoeiros plantados no “Rossio” da Vila de Santa Cruz, junto ao tanque. Se bem que ainda não tenham um grande porte, eles foram plantados no fim do século passado, e, segundo informação de um residente, que

vive em Santa Cruz há mais de 25 anos, eles mantêm praticamente o mesmo tamanho.

Na Ilha de S. Jorge, na faixa litoral da costa sul, desde a Fajã de Santo Amaro até à Fajã de S. João, poderemos encontrar muitos dragoeiros de porte notável, que a seguir se descrevem:

— Na Quinta da Boa-Hora, na Fajã de Santo Amaro, junto à estrada que liga a Vila das Velas à povoação da Urzelina, há cinco dragoeiros de porte notável, com 8-10m. de altura e um perímetro do tronco (P.A.P.) de 2,0 a 2,6m., sendo os maiores da Ilha (fot.20).

— Um, perto da Igreja da Urzelina, no antigo cemitério, com 1,80m. de P.A.P.(fot.21).

— Na Quinta Francisco Alberto de Noronha, na Ribeira Seca (Caminho de Baixo), há sete exemplares, em que os troncos têm 1,5 a 2,0m. de P.A.P.. Por informação do proprietário, ele sempre os conheceu com aquele porte (fot.22 e 23).

— Num largo, à entrada da Vila de Calheta, foram transplantados, não há muitos anos, para este local, cinco dragoeiros que têm entre 1,0 e 1,2m. de P.A.P. (perímetro do

tronco a 1,30 m. do solo) — de zonas onde eles eram espontâneos. (fotografias 24 e 25)

— Na Fajã dos Vimes, numa Quinta do Sr. Padre João Caetano Flores e irmão, há dois dragoeiros com 1,75m. de P.A.P., que os proprietários, com cerca de 60 anos, dizem ter conhecido sempre do mesmo tamanho (fot.26).

—Por fim, na Fajã de São João, há o dragoeiro mais grosso e de maior copa, conforme se poderá observar na fotografia 27.

Se bem que não tenhamos qualquer referência sobre as idades destes dragoeiros, no entanto, todos eles (à excepção dos da Vila de Calheta) deverão ser centenários.

Na Ilha do Faial há a mencionar nove dragoeiros de porte excepcional, na cidade da Horta, dois deles dos maiores e mais velhos dos Açores:

— No Jardim Florêncio Terra, antigo jardim público, anexo à Torre do Relógio, há cinco imponentes dragoeiros, um deles isolado com 3,95m. de P.A.P. e 12,35m. de diâmetro de copa (fot.28). Os outros quatro estão plantados em quadrado, formando uma copa única com 18,7m. de diâmetro, tendo cada um os seguintes perímetros de tronco: 3,25m.; 3,21m.; 2,97m.

e 5,05m.. Este último é constituído pela junção de dois, conforme se poderá verificar pela cicatrização dos próprios troncos (fot. 29). Estas árvores devem ter sido plantadas em 1858, altura em que se criou este jardim e, por isso, têm 135 anos.

O seu maior crescimento, em relação a outros da mesma idade, deve-se, com certeza, a estarem implantados em solos mais férteis e de beneficiarem de tratamentos culturais do próprio jardim.

— Na Escola Secundária, na rua Vasco da Gama, há um dragoeiro com 4,30m. de P.A.P., de tronco curto e de copa ampla. (fot.30).

— Na parte alta da cidade, num jardim duma vivenda particular, na rua Médico Avelar, há o maior e mais velho dragoeiro do País, mesmo superior a todos aqueles que têm sido descritos ao longo dos tempos pelas notas bibliográficas. Tem 5,8m. de P.A.P. (perímetro do tronco a 1,30 m. do solo), 12m. de altura e 15m. de diâmetro de copa. (fot.31).

É uma árvore multi-secular e seria de muito interesse que fosse averiguada a sua idade certa.

— Também no jardim duma residência particular, na parte alta da cidade, na rua de S. Paulo, há um dragoeiro de dimensões invulgares, que certamente deve ser multi-secular.

— Por fim, na antiga Escola Alemã, existe um exemplar de menor porte que os anteriores, no entanto deve ter mais de 100 anos (fot.32).

Na Ilha do Pico, perto da Vila da Madalena, a caminho de S. Roque, junto à estrada, há quatro dragoeiros de porte monumental:

— O maior que encontramos é o 1º, quando seguimos para S. Roque, do lado esquerdo da estrada. Fica numa Quinta de bom terreno e tem 8,5m. de altura e 19,0m. de diâmetro de copa. Segundo o rendeiro da quinta, que trabalha lá há muitos anos, sempre o viu do mesmo tamanho. (fot.33).

Depois, dois no local denominado Cabeço Chão, também do lado esquerdo da estrada, de porte monumental, como se pode comprovar pelas fotografias (fots.34 e 35).

Na Freguesia de Bandeiras, no lado direito da estrada, também há um exemplar notável, como comprova a fotografia (fot.36).

Por fim não queremos deixar de salientar que na Ilha do Pico o dragoeiro tem larga difusão na orla costeira, de clima atlântico-tropical, como aliás se verifica na Ilha de S. Jorge, aparecendo normalmente isolado em jardins e em quintais, assim como em povoamentos espontâneos, formando bosques por vezes de grande densidade (quase impenetráveis), geralmente em terras incultas.

Também é de referir que segundo Terra Garcia (13), outrora na Ilha do Pico, o dragoeiro tinha diferentes préstimos — as folhas depois de secas serviam para tanoeiros calafetarem as pipas e para os vinicultores amarrarem os enxertos; as senhoras utilizam-nas para fazer tapetes (capachos); dos seus ramos, cilíndricos e ocos, depois de segmentados faziam as "aljavas", para guardar e transportar os furões de caça.

Hoje contudo, o dragoeiro é uma árvore para admirar e respeitar.

Na Ilha das Flores, segundo elementos e fotografias enviadas pelo Sr. João António Gomes Vieira, ao Sr. Padre Caetano Flores, que muito se agradece, também nesta ilha há belos e monumentais dragoeiros, em que se descrevem apenas os maiores.

Conforme os elementos referidos — "devem existir cerca de duas centenas de dragoeiros em toda a Ilha.

Sendo mais abundante da costa Sul até à costa Oeste. As Lajes possuem a maior quantidade nas Rochas da Baía das Lajes, alguns em jardins particulares e públicos, como na Fazenda."

Os dois maiores dragoeiros conhecidos estão na Fajãzinha (Fot. 37 e 38) e devem ser multi-seculares, pois segundo testemunho de José Rodrigues Corvelo e Fernando Joaquim Silveira, naturais da Fajãzinha, ambos com 84 anos, estas árvores já apresentavam sensivelmente aquele tamanho, quando eles eram crianças.

O maior exemplar (Fot. 37) situado no Lugar do Rolo na Fajãzinha e pertencente a herdeiros de Filomena Corvelo de Freitas, tem as seguintes dimensões:

Altura — 8,86m

Perímetro máximo do tronco — 5,60m

Diametro máximo do tronco aprox. — 2,20m

Largura máxima da copa — 10,00m

O outro exemplar (fot.38), situado na Canada Pequena, na Fajãzinha e pertencente a Jacob Valadão, tem:

Altura — 7,40m

Perímetro máximo do tronco — 3,96m

Diametro máximo do tronco aprox. — 1,68m

Largura máxima da copa — 8,26m

Estes dois magníficos exemplares situam-se próximo um do outro, junto de paredes em terrenos secos e um pouco áridos. Estão ambos expostos a ventanias fortes e recebem a

resalga marinha, pois encontram-se na parte mais baixa, da freguesia e próximo da orla marítima.

Também é de referir, como aliás verificamos nas Ilhas do Pico e Flores, que em certas zonas o dragoeiro aparece espontaneamente cobrindo vastas áreas com grande densidade, como seja na Rocha do Calhau do Pico, NE da Baixa do Porto das Lajes (Fot. 39), onde são visíveis exemplares dum certo porte.

Por fim é de referir que até há poucos anos a seiva do tronco do dragoeiro, designada em toda a Ilha por sangue do Adragão, diluída em aguardente ou vinho quinado, conjuntamente com gema de ovo, foi utilizada como medicamento caseiro, para curar "pisaduras das costas".

BIBLIOGRAFIA

- 1) 1992 — Conheça o Parque Nacional da Madeira —
"Funchal"
- 2) 1975 — Azevedo Gomes, Mário
"Impressões de uma visita aos Açores, de um
mestre de Agronomia" (uma carta do Professor
Mário Azevedo Gomes)
Comissão Reguladora dos Cereais do
Arquipélago dos Açores — Boletim 25 — Ponta
Delgada
- 3) 1989 — Carreiro da Costa
"Etnologia dos Açores", Volume I — Lagoa (Açores)
- 4) 1986 — Goes, Ernesto S. R.
"Árvores Monumentais de Portugal"
Portucel, Lisboa

- 5) 1991 — Goes, Ernesto S. R.
"A Floresta Portuguesa"
Portucel, Lisboa
- 6) 1968 — Gaspar Frutuoso
Livro Segundo das "Saudades da Terra" (nova
edição)
Ponta Delgada
- 7) 1983 — Monterey, Guido de
"Faial" (Açores)
Porto
- 8) 1966 — Palhinha, R. Telles
"Catálogo das Plantas Vasculares dos Açores"
- 9) 1956 — Pereira, Eduardo C.N.
"Ilhas de Zarco" - volume 1, segunda edição
- 10) 1904 — Sampaio, Alfredo da Silva
"Memória sobre a Ilha Terceira"
Angra do Heroísmo — Imprensa Municipal
- 11) 1940 — Silva, Padre F. Augusto e
Menezes, C. Azevedo
"Elucidário Madeirense", segunda edição -
Funchal

12) 1986 — Tavares, Padre J.J.

"A Vila de Lagoa e seu concelho"

Ponta Delgada

13) 1993 — Terra Garcia, Albino

"Pico. Uma Ilha Diferente. O Dragoeiro"

—"Açorianíssima". Ano II, n.º 24

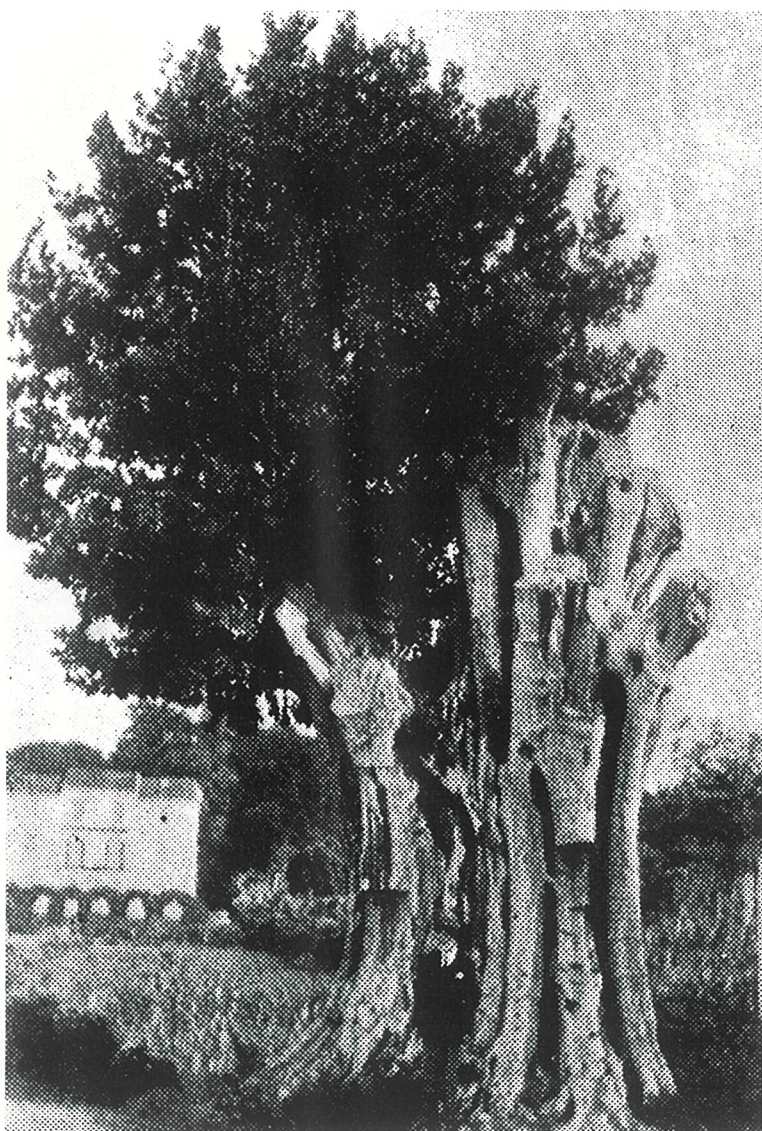
Ponta Delgada



Fotografia 1 — *Cedro* (*Juniperus brevifolia* v. *azórica*)
multi-secular, na Ilha do Pico



Fotografia 2 — *Urze arbórea, multi-secular,*
na Ilha de S. Jorge



Fotografia 3 — *Til multi-secular, na cidade de Ponta Delgada,
já desaparecido*



Fotografia 4 — *Pinheiro bravo*, com 3m. de P.A.P. (perímetro do tronco a 1,30m. do solo) na Fajã de Santo Amaro, Ilha de S. Jorge



Fotografia 5 — *Ficus macrophylla* (árvore da borracha) de porte notável, no Parque António Borges, na cidade de Ponta Delgada



Fotografia 6 — *Um metrosídero de porte monumental, no Parque de Santana, na cidade de Ponta Delgada*



Fotografia 7 — Exemplar de *Agathis australis*, de grande porte,
no Parque de Santana, na cidade de Ponta Delgada



Fotografia 8 — Avenida de tulipeiros (*Liriodendrum tulipera*)
no Parque Terra Nostra, nas Furnas, Ilha de S. Miguel



Fotografia 9 — *Eucalyptus globulus*, no Lameiro, próximo da cidade da Ribeira Grande, que é um dos maiores do País



Fotografia 10 — *Dragoeiro no Jardim Botânico da Ajuda, em Lisboa*



Fotografia 11 — *Dragoeiro no Jardim Botânico da Ajuda,
em Lisboa, pormenor*



Fotografia 12 — *Dragoeiro com cerca de 3000 anos, em Icod de Los Vinos, na Ilha de Tenerife, Canárias*



Fotografia 13 — *Dragoeiro multi-secular em La Laguna,
Ilha de Tenerife, Canárias*



Fotografia 13a — *Bandeira da Câmara do Concelho e Ilha de Porto Santo, tendo como símbolo um dragoeiro.*



Fotografia 14 — *Dragoeiro do Parque da Escola Secundária
Antero de Quental, na cidade de Ponta Delgada*



Fotografia 15 — *Dragoeiro no Jardim dos Frades,
em Santa Cruz da Vila de Lagoa*



Fotografia 16 — *Dragoeiro no Jardim Público Municipal
Duque da Terceira, Angra do Heroísmo*



Fotografia 17 — *Dragoeiro no pátio do Palácio dos Capitães-Generais, Angra do Heroísmo*



Fotografia 18 — *Dragoeiro na Casa de S. Pedro,*
Angra do Heroísmo



Fotografia 19 — *Dragoeiro junto à Igreja de Santo António, no
Lugar de Vitória, na Ilha Graciosa*



Fotografia 20 — *Conjunto de dragoeiros na Fajã de Santo Amaro, na Ilha de S. Jorge*



Fotografia 21 — *Dragoeiro em local limitrofe à Igreja da Urzelina, na Ilha de S. Jorge*



Fotografia 22 — *Fila de dragoeiros seculares na Ribeira Seca,
Ilha de S. Jorge*



Fotografia 23 — *Pormenor dos dragoeiros seculares da
Ribeira Seca, na Ilha de S. Jorge*



Fotografia 24 — *Dragoeiros plantados num largo, perto da Vila da Calheta, na Ilha de S. Jorge*



Fotografia 25 — *Pormenor dos dragoeiros plantados num largo, perto da Vila da Calheta, Ilha de S. Jorge*



Fotografia 26 — *Dragoeiros* seculares da quinta do Sr. Padre Caetano Flores e irmão, na Fajã dos Vimes, Ilha de S. Jorge. Ao fundo, ao alto e atrás do dragoeiro, também se pode apreciar uma imponente *Melaleuca* Sp. (espécie originária da Austrália).



Fotografia 27 — *Dragoeiro secular na Fajã de S. João,*
Ilha de S. Jorge



Fotografia 28 — *Dragoeiro isolado no Jardim Florêncio Terra,
Cidade da Horta*



Fotografia 29 — *Conjunto de quatro dragoeiros no Jardim
Florêncio Terra, cidade da Horta*



Fotografia 30 — *Dragoeiro na Escola Secundária da rua Vasco da Gama, cidade da Horta*



Fotografia 31 — *Dragoeiro em Jardim particular, na cidade da Horta, que é o maior e mais velho do País*



Fotografia 32 — *Dragoeiro na antiga Colónia Alemã,
cidade da Horta*



Fotografia 33 — *Dragoeiro próximo da Vila da Madalena,*
Ilha do Pico



Fotografia 34 — *Dragoeiro no local de Cabeço Chão,*
Ilha do Pico



Fotografia 35 — *Outro dragoeiro no local de Cabeço Chão,
Ilha do Pico*



Fotografia 36 — *Dragoeiro na freguesia de Bandeiras.*

Ilha do Pico



Fotografia 37 — *Dragoeiro do Lugar do Rolo na Fajãzinha, que deve ser multi-secular. Ilha das Flores.*



Fotografia 38 — *Dragoeiro do Lugar da Canada Pequena, na Fajãzinha, que deverá ser multi-secular. Ilha das Flores.*



Fotografia 39 — *Grande quantidade de dragoeiros nascidos espontaneamente, na Rocha do Calhau, a NE da Baía do Porto das Lajes. Ilha das Flores.*

Curriculum Vitae

do

Engenheiro Ernesto da Silva Reis Goes

— Em 1945 ingressou como Engenheiro Silvicultor, na Direcção Geral dos Serviços Florestais e Aquícolas. Foi colocado no Laboratório de Biologia Florestal, onde prestou serviço até ter sido destacado em 1950, para o Plano de Fomento Agrário.

Durante esse período foi encarregado, pela “Comissão de Ataque à Lymantria”, da luta biológica contra essa praga dos montados de sobreiro.

Em resultado de estudos efectuados sobre entomologia, publicou 12 trabalhos.

Foi também Director Técnico do filme “ A lagarta do sobreiro”, exibido em vários cinemas e que foi premiado, em 1949, na Bienal de Veneza.

— No Plano de Fomento Agrário, posteriormente Serviço de Reconhecimento e Ordenamento Agrário (SROA), efectuou o ordenamento florestal dos concelhos de Alcácer do Sal, Grândola, assim como de todos os da Província do Algarve.

Em 1955, passou a dirigir o Serviço de Ordenamento Florestal, e no mesmo ano, foi nomeado substituto do Delegado dos Serviços Florestais na Comissão Orientadora, passando em 1962, a Delegado efectivo.

— Em 1955 transitou do quadro técnico da Direcção Geral dos Serviços Florestais para o quadro da Investigação.

— Em 1951, iniciou os seus estudos sobre eucaliptos, tendo publicado 33 trabalhos sobre a matéria, alguns de projecção internacional.

— Representou o País em bastantes congressos de eucaliptos da FAO e foi nomeado pelo Ministro dos Negócios Estrangeiros, em 1961, Presidente do Grupo Nacional do Eucalipto, que foi criado para colaborar com a FAO, no fomento da cultura do eucalipto na Bacia do Mediterrâneo.

— Também se interessou pelo estudo de outras culturas florestais, pela fito-sociologia e pela protecção da natureza, como comprovam trabalhos publicados.

— Dirigiu de 1955 a 1964 o Departamento de Estudos e Projectos do Serviço de Melhoramentos Florestais, da Direcção Geral dos Serviços Florestais, criado para dar execução à lei 2069 (de arborização de terrenos degradados por bacias hidrográficas).

— Foi nomeado pelo Ministro da Economia, em 1963, para expor em Genebra, na 1ª Reunião do Comité de Desenvolvimento Económico da EFTA, sobre a necessidade de se criarem novas indústrias de celulose em Portugal. Chefiou a delegação portuguesa, em reuniões posteriores com as delegações de outros países, que em princípio estavam interessados em implantar esta indústria em Portugal.

— Criou o maior arboreto de eucaliptos do País (e talvez da Europa), com cerca de 150 espécies.

— Foi representante dos Serviços Florestais em várias Comissões, em que se destacam as seguintes: para debelar a formiga branca do Funchal (1954); estudo das possibilidades económicas da Região das Minas de São Domingos (1959);

estudo da mecanização da agricultura (1962); estudo do Plano de Rega do Alentejo (1962); grupo de trabalho florestal para a preparação do III Plano de Fomento, etc...

— Foi louvado em Diário de Governo de 11 de Dezembro de 1962, II série.

— Desde 1964 a 1976 dirigiu o Departamento de Cultura e Exploração do Eucalipto, do Centro de Estudos Florestais, da Direcção Geral dos Serviços Florestais.

— Participou em várias visitas de estudo em Espanha, França, Itália, Jugoslávia, Roménia, Suécia, Brasil e Marrocos, sendo algumas delas patrocinadas pela CEE.

— Criou e dirigiu o Departamento Florestal da Socel (Empresa de Celulose), desde 1965 a 1976, altura em que esta empresa foi integrada na Portucel, onde foram arborizados cerca de 15.000 ha.

— Com a nacionalização da Socel (Sociedade Industrial de Celulose), fez parte da Comissão Administrativa, até à criação da Portucel (Empresa de Celulose e Papel de Portugal, E.P.), que reuniu todas as empresas de celulose nacionalizadas.

— Dirigiu a Direcção Florestal da Portucel, desde 1976 até 1983, tendo a seu pedido, passado a acessor do Conselho de Gerência, até ingressar na função pública, tendo sido responsável pela arborização de 37.000 ha.

— Em 1979, por convite directo da FAO, em Roma, apresentou uma comunicação sobre a “Evolução da cultura do eucalipto nos últimos 10 anos”, para discussão sobre este problema, no congresso sobre eucaliptos realizado, na altura, em Lisboa.

— No período em que foi acessor do Conselho de Gerência publicou um livro sobre “As árvores monumentais de Portugal”, que teve um certo impacto no País e no estrangeiro.

Anteriormente, já tinha escrito um livro sobre “Os eucaliptos gigantes de Portugal”, que também teve um certo interesse no País e no estrangeiro.

Sobre esta última publicação, o Professor Pardé, na Revue Forstière Française, em 1980, n.º6, com o título de “Les arbres plus hauts d’Europe sont au Portugal” escreveu — Mais nous apprenions presque simultanément qu’eu la matière de record était portugaise, ou plus exactement portugais d’adoption. Un de nos collègues de ce pays, Ernesto Goes,

ingénieur silviculteur au Centre de Production des Forêts de Portucel, est depuis quelque 20 ans des meilleurs spécialistes de l'Eucalyptus, sa réputation dépasse largement les frontières de sa patrie".

No que respeita às "Árvores monumentais de Portugal" também o Professor Pardé, na revista Forstière Française, em 1986, n.º4, descreveu o seguinte: — "Nous avons déjà dit (Pardé, 1980) comment un ingénieur forestier portugais, par ailleurs remarquable spécialiste en matière d'eucalyptus avait un "violon d'Ingres" aussi attachant qu'original la découverte, le recensement, la photographie des arbres monumentaux de son pays.

Il vient de rassembler dans un beau livre, illustré de 163 photographies en couleur, "les arbres monumentaux du Portugal", dignes d'admiration par la hauteur, par le diamètre à hauteur, d'homme, la surface de sol couverte par le houppier, l'âge, la beauté de leur "architecture", etc...

— Em 1983, foi o único estrangeiro convidado a participar nas jornadas da "Galiza Florestal", em Santiago de Compostela.

— No final desta Jornada Florestal foi entrevistado pelo jornal “El Correo Gallego”, que deu grande relevo à sua entrevista, a qual foi reproduzida por outros jornais galegos.

— Em 1984, quando deixou a Portucel, foi louvado pelo Conselho de Gerência, louvor esse que ficou registado em acta e lido perante todos os Directores da Empresa.

— Em 1984, foi integrado na função pública, no quadro de investigação da Estação Florestal Nacional.

Foi nomeado para chefiar a Comissão de Reuniões Técnicas e Científicas, para o período de 1984/85, tendo iniciado essas reuniões, com uma sua comunicação sobre “Os eucaliptos e o seu enquadramento no sector florestal”.

Também foi nomeado membro do Conselho Técnico e Científico dessa Estação Florestal.

— Por fim, foi nomeado chefe do Departamento de Silvicultura da citada Estação.

— Durante a estada na Estação Florestal Nacional, até à aposentação (três anos certos), foi responsável pelo projecto de investigação, subsidiado pela indústria de Celulose, sobre a reconversão dos eucaliptais noutras culturas e seus resultados.

Este trabalho foi publicado (Novos aproveitamentos em antigos eucaliptais), o qual foi largamente difundido.

— Foi homenageado pela Tecnicelpa (Associação dos Técnicos de Celulose e Papel), numa reunião em 21 de Abril de 1990, que lhe entregou uma placa comemorativa em bronze, com os seguintes dizeres — *Presta homenagem: Ernesto Goes, pela sua contribuição para o desenvolvimento da florestação do eucalipto.*

— Já aposentado, continuou a trabalhar na laboração do livro que tanto sonhou “A Floresta Portuguesa”, que foi publicado em 1991. Trata-se duma publicação que teve um grande impacto na classe silvícola, que veio preencher um vazio na bibliografia florestal portuguesa.

— Quando pensava publicar uma segunda edição sobre “As Árvores Monumentais de Portugal”, incluindo os Açores e Madeira, depois de ter feito o reconhecimento das árvores notáveis dos Açores, por doença grave teve que interromper esse projecto.

— No entanto, aproveitando elementos colhidos nos Açores e incentivado pelo entusiasmo e dinamismo do Sr.

Padre João Caetano Flores, apresenta agora esta publicação sobre os “Dragoeiros dos Açores”.

Finalmente, como complemento, apresenta-se uma nota bibliográfica dos principais trabalhos publicados:

— Estudo dos depredadores e parasitas da *Lymantria dispar* L. — publicação da Direcção Geral dos Serviços Florestais, vol. XX, tomo I e II - 1948.

— Estudo sobre eucaliptos — sua aplicação ao Sul do País - publicação da Direcção Geral dos Serviços Florestais, vol. XVII, tomo I - 1951.

— Térmitas da madeira seca (*Cryptotermes brevis*) — publicado no n.º 44 do Laboratório de Engenharia Civil — 1953.

— Os eucaliptos em Portugal — identificação e monografia de 90 espécies, 1º Volume — Publicação da Direcção Geral dos Serviços Florestais - 1960.

— Os eucaliptos em Portugal — ecologia, cultura e produção, 2º Volume - Direcção Geral dos Serviços Florestais — 1962.

— Um estudo em montado de sobreiro - relação entre o solo e a vegetação no Pliocénico ao sul do Tejo — A vegetação —

Publicação da Direcção Geral dos Serviços Florestais, volume XXIX e XXXII - 1962/65.

— Os eucaliptos — ecologia, cultura, produções e rendabilidade — Publicação da Portucel — 1977.

— Os eucaliptos gigantes de Portugal — Publicação da Portucel — 1979.

— Árvores Monumentais de Portugal — Publicação da Portucel — 1984.

— Os eucaliptos — identificação e monografia de 121 espécies existentes no nosso País — Publicação da Portucel — 1985.

— Novos aproveitamentos em antigos eucaliptais — Publicação da Acel - 1989.

— A Floresta Portuguesa — Publicação da Portucel — 1991.

ÍNDICE

Prefácio	Pág. 5
Introdução	Pág. 9
Descrição Botânica	Pág. 20
Área Natural	Pág. 21
Dragoeiros dos Açores.....	Pág. 28
Bibliografia	Pág. 41
Fotografias	Pág. 45
Curriculum Vitae do Eng.º Ernesto da Silva Reis Goes.....	Pág. 86